

## AS IMAGENS E OS “MAPAS TEMÁTICOS NÃO CONVENCIONAIS” NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Fernando Frederico Bernardes<sup>1</sup>

### RESUMO

Trata-se aqui de propor um exercício que espacialize as paisagens que compõem o espaço geográfico e que facilite a compreensão do dinamismo espacial. A atividade procura extrapolar as barreiras da linguagem cartográfica tradicional, a fim de analisar os signos e a sua dinamicidade. As imagens virtuais permitem observar a distribuição espacial e suas formas de uma determinada paisagem. A paisagem, em Geografia, pode ser compreendida como um recorte do espaço geográfico, ou seja, são representadas, neste exercício, por um conjunto de imagens virtuais denominados de “mapas temáticos não convencionais”. Os resultados deste trabalho se expressam em produtos de interpretação de imagens, expressando as diferentes paisagens que configuram determinado espaço, oferecendo uma nova alternativa didática para o ensino da Geografia, concretizando o sentido da intenção da proposta deste artigo.

**Palavras-chave:** Cartografia. Geografia. Imagem. Paisagem. Prática de ensino.

### ABSTRACT

The idea is to propose an exercise that locate the landscapes that makes the geographic area and facilitate the understanding of spatial dynamics. The activity seeks to extrapolate the barriers of traditional cartographic language in order to analyze the signs and their dynamics. The virtual images allow to observe the spatial distribution and its forms -of a particular landscape. The landscape, in geography, can be understood as an approach to the geographical space, ie, are represented, in this exercise, by a set of virtual images called “unconventional thematic maps.” These results are expressed as products of image interpretation, expressing the different landscapes that shape certain space, offering a new alternative to the didactic teaching of Geography, realizing the intention of the meaning of this article.

**Keywords:** Cartography. Geography. Image. Landscape. Teaching Practice.

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da Escola de Aplicação da Universidade Feevale. *E-mail:* fernandofb@feevale.br.

A Geografia, assim como outras ciências, possui um caráter epistemológico peculiar devido à evolução particular do seu pensamento.

Logo, devemos aceitar a provisoriedade do conhecimento, admitindo que os achados e resultados de pesquisa sejam parciais e provisórios (COSTA, 2002).

Nesse sentido, o contexto histórico-social e a formação socioespacial de uma sociedade apontam pensamentos e resultados para um determinado olhar sobre as representações de objetos que se apresentam à vista, condicionados a um determinado tempo e espaço.

Hoje, os objetos de estudo em Geografia são fundamentados na complexa ciência geográfica contemporânea, sob a perspectiva da dinâmica entre a natureza e a sociedade, decorrente de uma análise multi, inter ou transdisciplinar da pesquisa e do ensino, construindo, reconstruindo, desconstruindo e possibilitando uma aplicação mais adequada às necessidades atuais com que as sociedades pós-modernas se confrontam em relação à dinâmica espacial.

Pensar na importância e na influência do espaço, na fisicidade das coisas e na geograficidade de nossa existência é uma das grandes contribuições que a geografia pode dar. A Geografia é um pretexto para pensarmos nossa existência, uma forma de ‘lerpensar’ filosoficamente as coisas e as relações e influências que elas têm no nosso dia-a-dia, porque ‘olhar as coisas’ implica pensar no que os seres humanos pensam delas. (KAERCHER, 2007, p. 16).

Para “lerpensar” e “olhar as coisas” dessa maneira, a Geografia caminhou muito para interpretar os fenômenos e as relações espaciais complexas que envolvem o espaço geográfico.

A Geografia passou por várias fases e, em cada momento específico de sua trajetória, evidenciaram-se tendências, que levaram à constituição crescente de teorias sobre a produção do pensamento científico, aprimorando o produto (o saber geográfico). Desde Ratzel (Geografia Clássica), de influência Positivista do século XIX, passando pelas correntes Neopositivista e Dialética (Geografia Quantitativa e Crítica) e, posteriormente, percorrendo os caminhos da Geografia da percepção, baseada nos conhecimentos da Fenomenologia, hoje temos

a Geografia Contemporânea, influenciada pelas correntes Pós-moderna e Neomarxista, por exemplo, demonstrando que a articulação do homem com o entorno é constante. E é esse o foco que está presente em todas as tendências anteriormente citadas. O que muda é o método de investigação, que acaba alterando os próprios conceitos, sejam eles explorados com maior ou menor dinamicidade, ou melhor, com maior ou menor complexidade.

Vejamos os princípios do conhecimento desenvolvidos pela ciência até o final da primeira metade do século XX. Era um princípio de separação homem-natureza. A ideia era a de que, para o conhecimento do homem, deveríamos rechaçar, eliminar tudo o que fosse natural, como se nós, o nosso corpo e organismos fossem artificiais, ou seja, a separação total. A separação do sujeito e objeto, significando que nós temos o conhecimento objetivo porque eliminamos a subjetividade. Sem pensar que no conhecimento objetivo há, também, a projeção de estrutura mentais dos sujeitos humanos e, ainda, sob condições históricas, sociológicas, culturais precisas. (MORIN, 2004, p. 28-29).

Toda essa retomada sobre o entendimento da evolução do pensamento geográfico se faz necessária, pois a Geografia, como as demais ciências, possui a sua linguagem e o seu caráter epistemológico próprio, bem como seus instrumentos de expressão e representação.

Não raro, quando perguntamos aos alunos o que é Geografia, muitos têm a mesma resposta: “são mapas”. Mapas ou o mapeamento de uma determinada área referem-se ao conhecimento cartográfico, ou seja, a Cartografia é apenas uma linguagem de apoio para a Geografia, ou melhor, uma possibilidade para analisar o espaço geográfico, com maior ou menor ênfase, dependendo da corrente, dos paradigmas e do próprio estudo geográfico. Nesse contexto, a Geografia utiliza a Cartografia como forma de espacializar, localizar, decodificar e representar os fenômenos geográficos e as suas mensagens.

A Cartografia ou a representação espacial de informações, inevitavelmente, está vinculada às aulas de Geografia. Ela é uma linguagem de síntese de informações espaciais, sempre ressaltando a ideia de organização do espaço geográfico. Por essa

razão, a leitura cartográfica torna-se uma ferramenta básica em Geografia (SCHÄFFER, 1998).

Logo, este artigo pretende pensar o espaço de uma maneira diferente da Cartografia Tradicional. Expressa uma proposição para o ensino de Geografia, tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio, utilizando a “linguagem cartográfica” como ferramenta de análise e representação do espaço geográfico, intitulada de “mapas temáticos não convencionais”.

Os mapas, a rigor, precisam contemplar signos (legenda), redução (escala) e suas coordenadas. Já a proposição aqui em análise se classifica apenas como uma figura ilustrativa, pois não contempla alguns elementos básicos para conceber a denominação de carta ou mapa. A atividade de ensino, apenas, representa o contorno do formato espacial, contendo os recortes do espaço ou das paisagens espacializadas. Logo, o enfoque não é o ensino cartográfico, mas o de analisar a disposição (localização) e as relações das diferentes paisagens que representam determinado espaço no “mapa”.

Percebe-se, na contemporaneidade, que é dada ênfase, na Geografia, ao estudo das imagens. Para tal, recorre-se a diferentes linguagens na busca de informações, hipóteses e conceitos, trabalhando-se com a Cartografia conceptual, apoiada numa fusão de múltiplos tempos e numa linguagem específica, que faça da localização e da espacialização uma referência da leitura das paisagens e seus movimentos. (FRANCISCHETT, 2004, p. 06) .

O tema eleito (conteúdo) é de fundamental importância para realizar a leitura das paisagens nos “mapas temáticos não convencionais”, como também para direcionar essa estratégia de ensino para uma determinada série, etapa ou um ciclo.

No Ensino Fundamental, faz-se necessário partir das paisagens visíveis e não de conceitos (isso cabe mais ao Ensino Médio). Logo, a prática de ensino, aqui proposta, busca entender a lógica que está inserida em cada paisagem (próxima ou distante), representando o espaço através das paisagens. Esse meio de ensino busca complementar a alfabetização geográfica do aluno e que também o capacite para a leitura-entendimento do espaço geográfico (KAERCHER, 1998).

A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais. Nela, encontramos a individualidade, como também a relação entre/inter paisagens (SAUER, 1998).

Silva (2002) vai além, afirmando que a trajetória geográfica vem trazendo e criando condições para o entendimento do significado, utilidade e dinâmica que as diferentes paisagens têm entre si e com nossas vidas.

Considerando a perspectiva de abordagem, a intenção é de levar os alunos a identificar e compreender as diferentes paisagens e as suas (inter) relações à disposição dos sujeitos e/ou objetos, orientados por uma determinada escala geográfica, seja ela local, regional ou global.

A construção dos “mapas temáticos não convencionais” pode ser realizada apenas com o auxílio de um *site* de busca e das ferramentas do **Microsoft Office**<sup>®</sup>. A *internet* ou o *site* de busca é de fundamental importância para confeccionar a montagem das imagens/paisagens, como também para obter o formato (contorno) do próprio mapa a ser trabalhado.

Quanto ao **Microsoft Office**<sup>®</sup>, os alunos podem utilizar o **Microsoft Office Word**<sup>®</sup>, o **Microsoft Office PowerPoint**<sup>®</sup>, ou então o **Microsoft Office Picture Manager**<sup>®</sup>, porém todos com a mesma finalidade. A opção por determinado *software* ou caminho percorrido deve ser de livre escolha do aluno (afinidade, frequência de uso...), tornando-se facilmente aplicável na elaboração do trabalho em questão.

De acordo com as suas habilidades instrumentais, os alunos podem utilizar imagens disponíveis na rede e criar suas próprias composições, fornecendo subsídios didático-pedagógicos, conteúdos e habilidades para a sua construção.

Essas dicas são exemplos de que é possível, sem gastos extras ou recursos extraordinários, criar atividades que levem os alunos a perceber o espaço geográfico de forma mais plural e dinâmica. Podemos romper a indiferença dos alunos em relação à disciplina. (KAERCHER, 2007, p. 32).

O primeiro “mapa temático não convencional” (Figura 1) demonstra sugestões de múltiplas possibilidades de exploração. Cada espaço



Fig. 1 - Elaborado por Bernardes, F. F., 2012



Fig. 2 - Elaborado por Bernardes, F. F., 2012.

representado possui uma paisagem característica do lugar, simbolizando-o, de acordo com o tema proposto pelo professor, ou então, pelos conhecimentos prévios do próprio aluno. A cultura e a natureza estão estampadas na figura “Continentes no Mundo”. Pode-se abordar, por exemplo, as diferentes zonas climáticas, que retratam diferentes paisagens, diferentes biogeografias. Ou então, próximo ao Chile, na América do Sul (Figura 1), por exemplo, temos, como representação, a paisagem de um vulcão. Logo, a perspectiva de abordagem pode envolver outros elementos naturais que interferem, diretamente, na modificação do espaço geográfico: a estrutura da Terra e as suas dinâmicas, tanto internas quanto externas.

Ainda na figura 1, pode-se enfatizar a perspectiva Humana da Geografia e a configuração do seu entorno, tanto natural quanto cultural, desenvolvendo o raciocínio geográfico a partir das seguintes reflexões/indagações: por que o espaço geográfico europeu está sendo representado pela imagem de um castelo? Por que não podemos utilizar essa paisagem para representar o Brasil, por exemplo? O que é o Velho, o Novo e o Novíssimo Mundo? Até que ponto essa divisão/visão de mundo é válida?

Ou ainda, podem-se abordar questões mais complexas, direcionadas para as últimas etapas do Ensino Fundamental ou Médio: como compreendemos/percebemos o contexto histórico, cultural e geopolítico do Oriente Médio? Ou então, como os Estados Unidos da América, grande potência no contexto da Nova Ordem Mundial, oferece a liberdade iluminadora do mundo<sup>2</sup>, conforme o nome oficial da Estátua da Liberdade? Até que ponto somos livres em um sistema neoliberal?

Já, na figura 2, espacializaram-se os principais tipos de vegetação da Ásia. Nesse sentido, como a vegetação é principalmente o reflexo do clima, temos diferentes espécies vegetais, diversos tipos

climáticos, de acordo com determinada latitude, que configura cada paisagem. Sequoias, coníferas, xerófitas, savanas, florestas tropical e caducifólia são alguns exemplos representados na figura 2.

Para não ficar simplesmente numa abordagem natural e ecológica, pode-se estender à compreensão dos diferentes impactos ambientais que essas paisagens vegetais sofrem devido à ação antrópica.

### CONCLUSÃO: “O PONTO DE PARTIDA COMO PROPOSTA”<sup>3</sup>

Dessa forma, concluindo o exposto até então, pretendo deixar alguns exemplos de como as imagens podem contextualizar e impulsionar o desenvolvimento dos conteúdos geográficos. Os resultados e a própria construção dos “mapas temáticos não convencionais” podem despertar, nos alunos, os sentidos naturais, sociais, históricos, espaciais e, até mesmo, ideológicos. Tudo dependerá da abordagem ou da proposta do professor e a sua atuação em sala de aula, ou melhor, pela dinâmica do seu pensamento crítico e epistemológico, independentemente da sua identificação ou do reconhecimento do(s) paradigma(s) e método(s) adotado(s) em sua ação docente.

Essa proposta, também, pode proporcionar aos alunos um estudo da Geografia de forma qualitativa, permitindo-lhes conhecer outras formas de discursos, através da manipulação de diferentes imagens/paisagens que compõem o espaço geográfico. Logo, o presente artigo propõe-se a auxiliar os professores, em suas práticas pedagógicas, fornecendo subsídios para diagnosticar o aparente, o visível, o perceptível, o concreto e as suas relações.

Segundo o Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni (1998), o mapa é muito mais que percursos entrelaçados. Ele é um signo repleto de signos. O desafio é descobrir, diagnosticar e aventurar-se em hipóteses que revelem a dinâmica espacial. A Educação Básica, com urgência, deve oferecer tais desafios.

<sup>2</sup> Segundo o **National Park Service**, A **Estátua da Liberdade**, em inglês, é *The Statue of Liberty* e, em francês, *Statue de la Liberté*, cujo nome oficial é **A Liberdade Iluminando o Mundo**, em inglês: *Liberty Enlightening the World*; e, em francês: *La liberté éclairant le monde*. (Disponível em: <<http://www.nps.gov/stli/index.htm>> . Acesso em: 15 jul. 2012).

<sup>3</sup> (SPOSITO, 2004, p. 72).

## REFERÊNCIAS

CASTROGIOVANNI, A. C. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

\_\_\_\_\_. O misterioso mundo que os mapas escondem. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre, RS: AGB, 1998.

COSTA, M. V. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002.

FRANCISCHETT, M. N. **A cartografia no ensino-aprendizagem da geografia**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Portugal, PT, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/francischetti-mafalda-representacoes-cartograficas.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre, RS: AGB, 1998.

\_\_\_\_\_. Práticas geográficas para ler/pensar o mundo, convergentes com o outro e entenderscobrir a si mesmo. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

MORIN, E. **Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2004.

SAUER, C. O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, L. B.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 1998.

SCHÄFFER, N. O. Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da Geografia. In: NEVES, I. C. B. et al (Orgs.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1998.

SILVA, J. L. B. da. O que está acontecendo com o ensino da Geografia? In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Orgs.). **Geografia em perspectiva**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2002.

SPOSITO, E. S. Pequenas argumentações para uma temática complexa. In: MENDOÇA, F.; KOZEL, S. **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2004.